

## **As Brincadeiras Infantis: O Papel do Professor na Sua Constituição**

Graziela Pereira da Conceição

Luciana Maria Costa Machado

### **QUINTAL**

*No fundo do quintal  
Amarelinha,  
Esconde- esconde,  
Jogo de anel,  
Um amor e três segredos.  
No fundo do quintal,  
Passarinhos,  
Tesouros,  
Piratas e navios,  
As velas todas armadas.  
No fundo do quintal,  
Casinha de boneca,  
Comidinha de folha seca,  
Eu era a mamãe, você o pai,  
Quando não existe quintal,  
Como e o que se faz?  
(Roseane Murray)*

### **Percorrendo um caminho...**

Este relatório é fruto de observações, registros e de atuações diretas com as crianças e tem como objetivo socializar algumas de nossas experiências e reflexões como estagiárias do curso de Pedagogia, semestre 2006/01 da Universidade Federal de Santa Catarina .

Nosso estágio foi realizado com o grupo 3B, no período vespertino, constituído por 9 crianças, da faixa etária de 1 ano e 7 meses a 2 anos e 7 meses, sendo 3 meninos e 6 meninas.

O estágio teve na observação participante um caminho para a aproximação aos universos infantis, com o intuito de refletir sobre a organização do cotidiano das crianças, como se relacionam, como funciona e o que fazem nesses espaços oferecidos a elas.

Através de registros escritos e fotográficos tentamos construir um olhar sensível e atento aos diversos modos de ser, de agir e de viver a infância das crianças dentro da instituição de educação infantil. Estes registros nos permitiram

conhecer o grupo de crianças e nortearam nossos caminhos por proposições que garantissem os direitos das crianças, suas necessidades, interesses, desejos e vontades.

Antes de iniciarmos o estágio tivemos muitas discussões sobre os princípios norteadores para a realização do estágio. O texto “Partilhando Olhares sobre as crianças pequenas: Reflexões sobre o estágio na Educação Infantil”, nos trouxeram elementos para questionarmos e amadurecermos sobre a “visão adultocêntrica” que está impregnada historicamente no nosso modo de enxergar a criança como um “vir a ser”, “tábua rasa”, “inocência em forma humana”, etc. Para construirmos um olhar sensível na busca de uma “Pedagogia da Infância”, cujo “objeto de preocupação é a própria criança: seus processos de constituição como seres humanos em diferentes contextos sociais, suas culturas, suas capacidades intelectuais, criativas, estéticas, expressivas e emocionais. (ROCHA,1999, p. 31).

Neste momento com o objetivo de identificar o foco do nosso estágio, ou seja, o que as relações educacionais com as crianças nos indicavam, ou como necessidade, ou como algo que se sobressaía no grupo, fizemos o exercício de observar e registrar as situações vividas pelas crianças, para identificar a partir destes registros um foco de atuação.

A construção desse novo olhar se deu a partir de um entendimento de criança como um ser dotado de capacidades e competências, que produz conhecimento a partir das relações que estabelece e que participa ativamente como ator principal na construção de sua história, possibilitou observá-las e conhecê-las através de suas manifestações culturais. Cultura presente nas suas vivências intensas, nas

experiências, descobertas, exploração dos sentidos, dos significados, das cores, da água, do ar, da terra, do fogo; dos desejos de tocar, mexer, desmanchar o que já estava feito; de fazer e refazer muitas e muitas vezes uma mesma coisa, de significar e ressignificar o mundo à sua moda; de correr, pular, contar e recortar o mesmo conto; de ler, de escrever, cantar, dançar e pintar ao mesmo tempo; de chorar e rir num curto espaço de tempo; de viver diferentes papéis: de mãe, pai, filho, avô, avó, médico; de criar e recriar um mundo de fantasia e imaginação; de pintar a realidade, desenhar o mundo, desejar, brincar de faz-de-conta, transformar uma caixa de papelão num tesouro, uma árvore numa floresta, um pneu num carro, um cabo de vassoura num cavalo, uma mesa numa casinha; de conversar sozinhas sem se importar com o

... mundo a volta delas, de viver no faz de conta a vida dos adultos.  
(BATISTA, 2000 p.32).

Nos momentos de estágio, buscamos observar, ouvir e registrar as vivências das crianças nos momentos de brincadeira e nas interações entre criança-criança e criança-adulto.

Assim, nosso olhar na primeira fase deste estágio se voltou para as implicações pedagógicas, para a mediação e a intencionalidade da professora de educação infantil nas suas ações com as crianças e como a dimensão lúdica se constituiu a partir de situações sociais compartilhadas e organizadas pelo adulto no cotidiano das crianças na instituição de Educação Infantil.

Dentre as questões que suscitaram na primeira etapa de nosso estágio foram: Há realmente uma intencionalidade da professora nas atividades propostas? Se há, qual a intencionalidade da professora em determinada situação? Qual o papel da professora nas situações e no cotidiano da instituição de Educação Infantil?

Na segunda fase do estágio, continuamos realizando este trabalho de construção do olhar, um olhar crítico, um olhar que perceba as crianças como seres ativos no processo de aprendizagem, que produzem conhecimento. Como nos coloca CERISARA

esse outro olhar que estamos nos propondo construir exige a compreensão de que as crianças a sua moda compreendem o mundo que as cerca. Portanto, são sujeitos completos em si mesmos, que pensam, se expressam criativamente e criticamente sobre o espaço institucional onde são educadas e cuidadas. São sujeitos conscientes de sua condição e situação e se expressam de múltiplas formas. (mimeo, p.3)

Assim conhecer as crianças, saber do que elas brincam, o que elas fazem quando estão entre elas, ou sozinhas, o que dizem, o que elas nos dizem ou querem nos dizer, foi um de nossos objetivos, partindo dessa educação do olhar considerando como nos coloca Guimarães “a criança no presente, buscando compreender a cultura que dá corpo a suas experiências, seus laços sociais” (mimeo, p.3).

A partir dos nossos registros observamos momentos onde a professora a cada dia construía um relacionamento com as crianças. Para conversar com as crianças a professora usava um fantoche para estabelecer a mediação entre adulto-criança e criança-objeto, ou seja se apropriava de um elemento imaginário do mundo das crianças, para se aproximar do universo infantil.

...a professora Adriana pegou uma caixa e fez um suspense com as crianças: “Quem será que está aqui dentro da caixa...”. Colocou a mão dentro da caixa e apresentou as crianças o Maneco (um fantoche de um macaco). As crianças vibraram, todas se levantaram para dar carinho no macaco. Com tantas mãos sobre aquele macaco, Carolina não sabia chegar até o macaco e disse: “Eu quero fazer carinho...”. A professora disse que todos iriam fazer carinho e chamou Carolina para se aproximar e continuou dizendo: “O Maneco fica bem contente com tanto carinho”. E continuou conversando com as crianças através do fantoche. Depois pegou a caixa novamente e perguntou para o Maneco o que ele trouxe dentro da caixa. O Maneco se enfiou dentro da caixa e tirou um DVD dos três porquinhos. Perguntou novamente para o Maneco o que mais ele tinha na caixa. O Maneco se enfiou de novo dentro da caixa e saiu com um livro na mão. A professora conversou de um jeito carinhoso com o Maneco para ele ir para a caixa que ela iria nesse momento contar história para as crianças ouvirem.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 17/05/2006)

Depois que a professora apresentou o mico Maneco para as crianças, a cada momento que convidava as crianças para formar uma roda na sala, todas vinham esperançosas e ansiosas pela chegada do mico Maneco. As crianças internalizaram esse momento como algo prazeroso.

A professora Adriana propôs para as crianças, formarem uma roda no tapete, para conversar com elas, antes de irem ao parque. As crianças se sentaram no tapete e ficaram tranqüilas esperando a vinda do mico Maneco para conversar com elas. A professora Adriana pegou a caixa e tirou de dentro da caixa o mico Maneco. As crianças ficaram tão encantadas com o macaco que logo queriam abraçá-lo. A professora delicadamente orientou com sua mão o macaco, que abraçava as crianças carinhosamente. Cada uma que recebia um abraço do macaco ficava super feliz, com os olhos brilhando e com um sorriso...

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 30/05/2006)

Nesses momentos de conversas e interações de trocas um com o outro, as crianças foram demonstrando através de seus olhares e gestos um vínculo de amizade, de confiança, de cuidado e de atenção com o outro na relação pedagógica.

No início da tarde, com a presença de todas as crianças, a professora Adriana convidou-as para formarem uma rodinha no tapete. Todas as crianças foram seguindo para lá e se sentando sobre o tapete. A professora Adriana foi para a roda com uma caixa na mão e sentou-se. O Ângelo quando viu a caixa disse alegremente: “É a caixa do Maneco”. A professora Adriana respondeu que sim, e disse que o mico Maneco estava com muita saudade das crianças. A professora Adriana colocou sua mão dentro da caixa e tirou o mico Maneco. Todas as crianças levantaram para dar um abraço no Maneco. A professora Adriana foi organizando a vez de cada uma e pediu para sentar quem já havia dado um abraço no Maneco. As crianças recebiam um abraço tão carinhoso do Maneco e apertavam também o Maneco no seu peito, demonstrando que estavam fazendo uma força. Carolina mesmo que já tinha recebido um abraço carinhoso do Maneco, pediu para dar um beijo também no Maneco. A professora Adriana deixou. Depois conversou com elas e com o mico Maneco.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 06/06/2006)

Esse elemento imaginário do universo infantil, usado para fazer a mediação entre uma conversa ou atividade permitiu uma aproximação prazerosa pelas crianças ao encontro com a professora e com os colegas numa mesma situação.

Através dos registros observamos também a intencionalidade da professora quando organizou a sala, dividindo cantos delimitados por enredos, onde se observou uma espontaneidade e uma melhor exploração pelas crianças nesses espaços.

Através de algumas mudanças realizadas pela professora Adriana, a sala ficou com alguns espaços divididos por armários da altura das crianças, que serviram para formar paredes entre um canto e outro. Com um armário a professora construiu de um lado a cozinha da casinha das crianças e do outro lado ficou o canto da roda com um tapete. No outro canto da sala ficou sobre o chão um colchonete para o momento do sono, dividido por um armário que separava do canto da roda. Luara, Gabriela e Carolina brincavam na cozinha da casinha. Sentadas na cadeira de frente para a mesa cheia de loucinhas e com um telefone conversavam. Carolina disse: “Eu vou ligar pro meu pai”. Com seu dedo tocava nos números. E Gabriela disse: “Agora é eu, vou ligar pra minha mãe”. Carolina imediatamente discou alguns números e deu o aparelho para a Gabriela falar com sua mãe, que disse: “Tchau mãe”. E entregou o telefone para a Carolina. Carolina pegou o telefone e discou alguns números e deu para a Luara. Luara pegou o telefone e falou com a sua mãe dizendo: “Tchau mãe”.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 29/05/2006).

A partir desses registros e das observações realizadas construímos proposições com a intenção de poder ampliar o espaço da brincadeira, através de

uma organização do espaço e com materiais que permitissem desenvolver o imaginário infantil, ampliando as brincadeiras de faz de conta.

### **A mediação e a intencionalidade pedagógica**

Observar as crianças e as interações que se estabelecem entre criança-criança, criança-adulto e criança-objeto implica em buscar compreender esse processo a partir de uma perspectiva sócio-histórica, defendida por Vygotsky, na qual a criança em contato com o universo exterior e com as diferentes culturas, contextos, formas de expressão e linguagens aprende com ele.

Para este autor a mediação pedagógica é essencial para o desenvolvimento das crianças. A aprendizagem se dá através da mediação do outro. É o outro social que pode dá os recursos, os subsídios necessários para promover o desenvolvimento. Por isso Vygotsky fala da importância do educador, como mediador, comunicador, que precisa indicar os caminhos para as crianças percorrem, quando fala da zona de desenvolvimento proximal, sendo essencial para a promoção do indivíduo. Ainda para este autor

... a mediação feita por um parceiro mais experiente é de grande influência na construção do pensamento e da consciência de si, que vai emergindo do confronto com os parceiros nas situações cotidianas, via imitação do outro ou oposição a este. É algo, pois em constante modificação. O indivíduo assim forma sua conduta e sua personalidade a partir dos conflitos que estabelece com o meio a cada momento. (Vygotsky, apud Oliveira, 1995 p.53).

Em nossos registros escritos e fotográficos observamos um momento em que as crianças estabeleciam interações através da brincadeira de faz de conta.



Gabriela foi até o armário da cozinha, pegou um fogão, panelas, pratos e talheres e colocou em cima da mesa e se sentou na cadeira. Começou a brincar, fazendo de conta que estava cozinhando. Luara sentou ao lado de Gabriela e começaram a brincar juntas com os mesmos brinquedos. Depois Josias e Bruno sentaram nas cadeiras ao redor da mesa. Gabriela colocou a mão dentro da panela que estava em cima do fogão e disse: “Ai! tá quente!” Olhou para o Josias, mostrando a panela e disse: “Olha! tá quente!”. Josias colocou o dedo dentro da panela e tirou rapidamente dizendo: “Ai! ardeu!” Bruno que estava do lado de Josias entrou na brincadeira. Colocou o dedo dentro da panela e tirou dizendo: “Ai! tá pelando!”.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 21/06/2006)

Esta representação não é uma mera imitação do adulto. As crianças ao estabelecerem essas relações criaram significados, a partir da observação das ações dos outros. A imitação cria zona de desenvolvimento proximal, pois a criança aprende experimentando, realizando ações, para além de suas próprias capacidades.

Em um outro momento observamos as crianças brincando de faz de conta nos espaços oferecidos para elas e imitando um ao outro.

Bruno subiu num cavalete construído no parque e quando chegou em cima, ficou sentado com os pés apoiados no penúltimo degrau e com uma mão só se segurava e a outra esticava para cima como um pião de rodeio gritava: “Ô cavalinho... ô cavalinho...” Movimentava o seu corpo como se estivesse realmente sobre um cavalo em movimento. Ficou um tempo brincando, até chegar Josias e Ângelo, que subiram também e imitaram o Bruno.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 30/05/2006)

Através das observações percebemos o quanto às crianças necessitam de um espaço para a brincadeira espontânea. É nessas horas que as crianças representam o adulto as coisas que vêem e ouvem. As suas produções são fruto de uma reconstrução, recriação da experiência vivida e não de uma simples reprodução da cultura adulta. Ao imitar o outro, a criança acrescenta novos significados tornando-os mais apropriados para a sua realidade. As crianças ensinam que os objetos são brinquedos, tem outros significados.

Assim entendemos que é fundamental que o educador prepare o espaço com materiais necessários e apropriados, com tempos não tão controlados de modo que as crianças criem e inventem suas próprias brincadeiras.

## **A Brincadeira no Cotidiano Infantil: O Professor como Mediador**

A partir desse olhar construímos proposições que visassem a ampliação das brincadeiras das crianças. No entanto a idéia inicial do planejamento foi sofrendo modificações no decorrer da experiência. As alterações foram necessárias na medida que íamos para a sala e verificávamos alguns limites, seja pelo espaço e tempo, seja pelo próprio calendário programado pela Instituição como por exemplo datas comemorativas (festa junina) e até mesmo falta de orientações no decorrer do estágio de atuação com as crianças.

Assim escolhemos caminhos no decorrer da nossa prática que nortearam a nossa ação educativa com as crianças, entendendo que foram possibilidades entre outras tantas, mas nunca uma certeza.

Dentre as possibilidades que encontramos para trabalhar com as crianças, destacou-se o brincar e o faz de conta como elementos presentes no cotidiano dessas crianças, como algo que se sobressaía, que despertava os interesses das crianças.

Bruno e Ângelo brincam em um tronco de árvore cortado.  
Eles pegam gravetos do chão e colocam em um buraco que fica no meio do tronco. Chego perto deles e pergunto o que eles estão fazendo. Bruno diz que:  
\_ *É fogo.*  
Eu pergunto \_ *é fogo?*  
E Ângelo olha para Bruno e diz:  
\_ *é fogo né?*  
Então eles continuam brincando pegando gravetos do chão e colocando no buraco.  
(Registro do caderno de campo do estágio do dia 16/ 05/2006).

O brincar destaca-se como a principal produção cultural das crianças. A brincadeira não sendo natural nem espontânea é entendida como uma construção, como uma atividade não de exclusividade das crianças, mas “próprio do homem é uma de suas actividades sociais mais significativas” (Sarmiento, 2004, p. 25).

As crianças ao brincar, recriam esta brincadeira dando uma especificidade própria de acordo com o que ela vive e os instrumentos que possui para desenvolver a brincadeira.



Para a criança segundo Leontiev (p.120), “a brincadeira (...) não é instintiva, mas precisamente humana, atividade objetiva, que, por construir a base da percepção que a criança tem do mundo dos objetos humanos, determina o conteúdo de suas brincadeiras.”

A criança cria suas próprias regras para a brincadeira, elas se organizam para a atividade de maneira intensa e dedicada, passam mais tempo organizando e montando a brincadeira do que propriamente brincando.

A brincadeira sendo uma “atividade humana na qual as crianças são introduzidas constituindo-se em um modo de assimilar a recriar a experiência sócio-cultural dos adultos (WAJSKOP, 2005, p.25). É definida ainda segundo a autora, na concepção sócio antropológica como “um fato social, espaço privilegiado de interação infantil e de constituição do sujeito-criança como sujeito humano, produtor de história e cultura” e ainda a concepção sócio histórica e antropológica define como “uma atividade social, humana, que supõe contextos sociais e culturais, a partir dos quais a criança recria a realidade através da utilização de sistemas simbólicos próprios”(p. 26-28).

O desenho da máscara já estava pronto, mas Ângelo pintou os olhos da máscara, ou seja pintou a mesa, e disse olhando para a máscara do Bruno: “Pinta os olhos”. Bruno molhou o pincel e pintou os olhos da máscara, ou seja a mesa. Nathália também havia pintado os olhos da máscara, e estava nesse momento molhando as mãos com a tinta e passando sobre a mesa e sobre a máscara.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 03/07/2006)

Nessa atividade as crianças estabeleceram relações, ora conversando, ora ajudando um ao outro na troca de materiais, trocando idéias.

É através do brincar que as crianças reconstróem seu mundo real, tornando-o mais agradável, aconchegante, a criança cria e recria, ela representa nas brincadeiras situações presentes no seu cotidiano. Segundo Wajskop “a brincadeira infantil pode constituir-se em uma atividade em que as crianças sozinhas ou em grupos procuram compreender o mundo e as ações humanas nas quais se inserem quotidianamente”.(2005, p.33)

No que diz respeito a esta apropriação feita pelas crianças do dia a dia através do brincar, Corsaro define como uma reprodução interpretativa:

“as crianças apropriam-se criativamente da informação do mundo adulto para produzir sua própria cultura de pares. Tal apropriação é criativa na medida em que tanto expande a cultura de pares (transforma a informação do mundo adulto de acordo com as preocupações do mundo dos pares) como simultaneamente contribui para a reprodução da cultura adulta.” (2002,p.114)

Para iniciarmos nossa atuação junto as crianças, na tentativa de não fugir do projeto sobre animais desenvolvido pela professora no grupo de crianças, tentamos de certa forma nos aproximarmos do universo infantil, contamos uma história e a partir dela, construímos com as crianças mascaras de animais, onde cada criança escolheu a mascara do animal que gostaria de ter



Através da história dos bichos que a Graziela contou, a maioria das crianças escolheram os bichos que viram no livro. Bruno pediu uma mascara do camaleão. Ângelo e Gabriela também. Josias pediu um macaco. Ana Raquel pediu uma onça ...

Enquanto Graziela desenhava o camaleão para o Bruno, algumas crianças estavam deitadas querendo ficar bem próximas da Graziela e outras sentadas, olhando ela desenhando e esperando a sua vez. A Natália ficou o tempo todo caminhando pela sala e passeando pelo hall. (Registro do caderno de campo do Estágio do dia 28/06/2006)

Nesse primeiro momento construímos uma aproximação maior com as crianças, criando uma “fantasia” (por conta da história) em torno da atividade, para poder dar uma continuidade ao trabalho (construção das máscaras), e propiciar a brincadeira de faz de conta, a partir do imaginário e do universo infantil.

Sarmiento coloca que nas culturas infantis

“este processo de imaginação do real é fundacional do modo de inteligibilidade. Esta transposição imaginária de situações pessoas, objetos ou acontecimentos, esta “não literalidade” (Goldaman e Emminson,1987), está na base da constituição da especificidade dos mundos da criança e é um elemento central da capacidade de resistência que as crianças possuem face as situações mais dolorosas ou ignominiosas da existência” (2004, p. 26).

O brincar presente também no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, coloca este como uma “das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e autonomia” (1998, p.22) .

E coloca ainda mais diretamente ao faz de conta que

“ao brincar de faz de conta, as crianças buscam imitar, imaginar, representar e comunicar de uma forma específica que uma coisa pode ser outra, que uma pessoa pode ser outra (...) brincar é assim um espaço no qual se pode observar a coordenação das experiências prévias das crianças e aquilo que os objetos manipulados sugerem ou provocam no momento presente”. (1998, p.22-23).

Percebemos que esta característica do brincar esteve presente durante as brincadeiras criadas pelas crianças a partir dos materiais construídos com elas.



Bruno, Josias e Ana Raquel brincaram o tempo todo juntos pelo parque com as mascaras. Os três seguiram para brincar entre as árvores e imitar os bichos. Josias dizia para os colegas: “Eu sou uma onça, Há! Há! Há!” E saiu assustando os amigos. Bruno respondeu: “Eu sou um camaleão”. Ana Raquel disse: “Eu sou uma onçaaaa!”. As crianças brincaram por muito tempo correndo entre as árvores do pátio. Estavam suadas e alegres.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 11/07/2006)

Como nos coloca Wajskop “através da brincadeira infantil organizada de forma independente do adulto, as crianças poderiam exercer sua posição social, reiterativa e criadora do trabalho total da sociedade na qual estão inseridas.” (2005, p.280)

Depois de um tempo, Ana, Bruno e Nina foram para trás das salas e começaram a andar. Nina diz:

– *O Grazi, nós vamos na floresta.*

– *Aé, e que bicho que vcs vão ver lá? (Falei)*

– *Os porquinhos (diz Ana)*

– *o Lobo (diz Nina)*

– *então nós temos que achar os porquinhos para avisar que tem um lobo, né?(Falei)*

– *é (diz Nina)*

É assim demos a volta procurando o lobo e os três porquinhos, depois que saímos de trás das casas, Nina fala:

– *Não achamo o lobo.*

– *Pois é ele deve estar dormindo, ele é muito preguiçoso.(falei)*

– *é, ele é.(Nina)*

(Registro do caderno de campo do estágio do dia 13/07/2006)

Assim nos colocamos a questão de qual seria o papel do professor na brincadeira infantil? Como o professor deve agir diante das crianças que estão brincando ou construindo uma brincadeira? Ele deve interferir na brincadeira, ou ficar só olhando?

Acreditamos que o papel do professor é ampliar as vivências das crianças, disponibilizando materiais diversificados, de formas diferentes, cores, tamanhos, ampliando seu quadro de brincadeiras ensinando outras brincadeiras, resgatando brincadeiras que já passaram, ampliando com isso o seu repertório cultural-social.

Mas como fazer isso? Como ampliar este repertório das crianças? Elas possuem suas vivências, seus mundos?

### Segundo Santos

“a atitude do professor é sem, duvida, decisiva no que se refere ao desenvolvimento do faz de conta. Destaco três funções diferenciadas que podem ser assumidas pelo professor, conforme o desenrolar da brincadeira. A primeira delas é a função de “observador”, na qual o professor procura intervir o mínimo possível, de maneira a garantir a segurança e o direito à livre manifestação de todos. A segunda função é de “catalisador”, procurando através da observação, descobrir necessidades e desejos implícitos na brincadeira para poder enriquecer o desenrolar da mesma. E, finalmente de participante ativo nas brincadeiras, atuando como um mediador das relações que se estabelecem e das situações surgidas, em proveito do desenvolvimento saudável e prazeroso das crianças” (1998, p.85-86).

Depois de observarmos e planejarmos nossas atividades tentamos ampliar o imaginário infantil, disponibilizando para as crianças materiais, buscando ter uma seqüência nas atividades de modo que as crianças construíssem significados.



Graziela pegou uma caixa toda colorida mas fechada e disse para as crianças: “O que será que tem nessa caixa mágica”. As crianças o seguiram. Ela disse para todos irem com ela até no pátio do auditório que ela iria mostrar o que havia lá dentro da caixa. Quando todas as crianças chegaram, Graziela convidou-as para formarem uma rodinha no chão. Todas as crianças sentaram em torno dela.

Graziela olhou para as crianças e disse novamente: “O que será que tem nessa caixa mágica”. Bruno respondeu rapidamente: “O nemo”. Graziela disse que não e foi lembrando as crianças do dia que havíamos construído as mascaras. Quando as crianças perceberam que estava na caixa as mascaras dos bichos ficaram ansiosas, querendo ver suas mascaras. Graziela disse para as crianças que iria abrir a caixa. Fez de conta que não conseguiu, porque estava muito fechada e disse: “Não dá para abrir”. Convidou as crianças para junto com ela fazer uma mágica para ver se abria a caixa. Disse para as crianças movimentar os dedos e falar a mesma coisa que ela: “Pirim plimplim abre essa caixa pra mim...”. As crianças estavam todas atentas imitando a Graziela, participando da brincadeira. Graziela disse quando parou de cantar: “Agora vou ver se abre”. Graziela fez muita força, mostrando na sua expressão corporal toda essa grande força. E não conseguiu abrir. Convidou as crianças para cantar de novo: “Pirim plimplim abre essa caixa pra mim...”. Tentou abrir e dessa vez conseguiu. As crianças viram as mascaras com os olhos brilhando de alegria. A Graziela disse que iria dá a mascara do bicho que cada criança escolheu. Bruno disse: “O meu é o camaleão”. Colocamos as mascaras em cada criança e elas saíram para brincar. Josias com a mascara da onça, imitava o bicho bravo. Gabriela com a mascara do camaleão dizia: “Eu sou o camaleão”. Bruno com a mascara do camaleão também dizia: “Eu sou o camaleão”.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 11/07/2006)

**Assim o professor desempenha um papel fundamental**

“criando os espaços, oferecendo-lhes material e partilhando das brincadeiras das crianças. Agindo desta maneira, ele estará possibilitando as mesmas uma forma de aceder as culturas e modo de vidas dos adultos, de forma criativa, social e partilhada.” (WAJSKOP, 2005, p.112).

O papel do professor nas brincadeiras deve ser, sobretudo o de planejar e organizar situações e espaços para oportunizar a brincadeira infantil, além de disponibilizar materiais que possibilitem ampliar essas vivências e experiências,

### **O papel do professor na organização dos espaços para possibilitar a brincadeira de faz de conta**

Pensar o espaço na Educação Infantil é uma necessidade que coloca para os educadores que atuam na área.

A atenção dos profissionais deve estar voltada para as crianças, tendo em consideração que para muitas crianças a instituição de Educação Infantil é o único lugar que elas possuem para viver sua infância.

Agostinho nos diz que

“coloca-se como um desafio para nós profissionais da educação infantil, direcionar o foco de nossas observações nas crianças e na forma como elas ocupam o espaço, vendo como se relacionam com ele, tornando-o lugar, obtendo as possíveis pistas que elas mesmas nos fornecem para subsidiar a prática pedagógica para elas voltada”. (2005,p.63)

Com um olhar atento para as crianças tentamos perceber e registrar o que as crianças nos queriam dizer.

Depois de brincar de balanço, de subir no parque, de brincar com a areia. Bruno foi o primeiro a começar a se rolar na grama. Na sequência chegou Josias, Luiza, Gabriela, Ângelo e Luara. O espaço do NDI é constituído por inclinações onde permite que as crianças explorem seus corpos, se movimente intensamente. Bruno escolheu um local adequado, um morro, como se fosse uma rampa, rolava pela grama. Depois Bruno correu para subir a rampa que dá acesso ao modulo III e os demais o seguiram. Subiram correndo pela rampa e desciam correndo. Luiza após tantas subidas e descidas correndo, subiu a rampa engatinhando. Luara e Ana Raquel imitaram a Luiza, ficando ao lado dela, sorrindo as três.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 30/05/2006)



Mesmo a arquitetura das instituições de Educação infantil não favorecendo o espaço de brincadeira, do faz de conta, do movimento, cabe aos professores torná-lo um espaço mais agradável, divertido e dinâmico.

Luara achou um pedaço de fita e pediu para eu colocar no seu rabinho. Eu coloquei e Luara saiu correndo, olhando para trás na direção do rabinho que voava. Luara voltou para perto de mim e disse: “Corre...corre”. Eu entendi que ela estava pedindo para eu correr atrás dela, e então sai correndo atrás dela dizendo: “Eu vou pegar o rabinho... Cuida do rabinho...”. Luara corria, segurando o rabinho para frente. Quando eu cheguei bem próxima de Luara, eu a vi sorrindo, estava muito animada.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 07/06/2006)

O papel que o professor desempenha na organização dos espaços segundo Forneiro,

“é fundamental que o professor exerça um papel ativo em todo o processo que envolve a organização e que começa com a concretização das intenções educativas e do método ou métodos de trabalho que irá utilizar (trabalho por cantos, oficinas, unidades didáticas, projetos de trabalho, etc.), já que isto irá incidir diretamente na tomada de decisões para o planejamento e a posterior organização do espaço.” (1998, p.261)

Desse modo, pensar e organizar o espaço foi um dos nossos desafios. Entendendo que o espaço da creche precisa ser um lugar para as crianças se movimentarem que elas possam pular, correr, saltar, brincar, escorregar, subir, descer, engatinhar, que possam sentir, experimentando sempre novas possibilidades de utilizar seu corpo em movimento, é através do movimento que as crianças conhecem o seu próprio corpo e se apropriam cada vez mais das possibilidades de interação com o mundo.

“Nesse sentido, as instituições de educação infantil devem favorecer um ambiente físico e social onde as crianças se sintam protegidas e acolhidas, e ao mesmo tempo seguras para se arriscar e vencer desafios. Quanto mais rico e desafiador for esse ambiente, mais ele lhes possibilitará a ampliação de conhecimentos acerca de si mesmas, dos outros e do meio em que vivem.” (BRASIL, 1998, p.15 ).

Desta forma, seguimos pensando nos objetivos que permearam nossa prática. Em nossas propostas pensamos em delimitar espaços de acordo com determinados enredos na sala, que pudessem com isso ampliar as brincadeiras das crianças e também pensamos em diversificar os espaços interno e externo com materiais que possibilitassem as crianças desafiar os seus corpos, através do

movimento e das brincadeiras. No entanto, no primeiro dia de estágio de intervenção, verificamos mudanças nos espaços tanto no Hall como na sala e resolvemos não mexer pelo menos na primeira semana. Na semana seguinte

a professora Adriana olhou para a sua sala, resolveu fazer algumas mudanças e nos pediu ajuda. Debaixo do armário fixo na parede, ela puxou uma escada e perguntou para nós onde poderia colocá-lo. A Graziela deu uma idéia de colocá-lo encostado na janela, de modo que as crianças pudessem olhar do outro lado. Colocamos e imediatamente as crianças subiram para espiar pela janela. Aos poucos fomos testando outras mudanças, mudando de modo que fosse melhor para as crianças. No final de várias tentativas, a escada ficou com um colchonete, onde as crianças subiam a escada e saltavam em cima, o canto da roda continuou com o tapete, mas dois armários serviram para formar um canto para a leitura e ao lado um colchonete para as crianças dormirem. Com essas mudanças as crianças estavam pulando de alegria pela a sala.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 04/07/2006)



Em parceria com a professora modificamos a sala de modo que as crianças pudessem desenvolver brincadeiras e também organizamos por cantos específicos, onde as crianças poderiam estar sozinhas consigo mesmo ou na companhia de um brinquedo ou de um livro.

A partir de uma organização do espaço que possibilite às crianças se movimentar, com materiais que aumentem as suas possibilidades de brincadeiras, de interações, o professor estará realizando o seu papel de mediador.

### **Ampliando as vivências e experiências das crianças**



Com o objetivo de ampliar as experiências e vivências das crianças planejamos algumas atividades para diversificar suas vivências.

Procuramos planejar atividades em ambientes diferentes, que são pouco freqüentados pelas crianças, ou que elas não conheciam.

Wajskop fala desse papel do professor como um mediador das experiências e das relações estabelecidas pelas crianças

“é fundamental ampliar as experiências das crianças se queremos proporcionar-lhes base suficientemente sólida para sua atividade criadora. Quanto mais as crianças virem, ouvirem, sentirem e experimentarem, quanto mais aprenderem e assimilarem, quanto elementos reais tiverem em sua experiência, tanto mais produtiva e criativa será a atividade de sua imaginação”. (2005, p.101-102).

Uma dessas atividades foi o passeio da botânica, com as outras turmas do Módulo I e II, possibilitando um momento de interação com o outro, com crianças de diferentes idades, outras pessoas,

Chegando lá sentamos em baixo de uma sombra, cantamos a música da centopéia, e outras. Decidimos então fazer umas brincadeiras de roda, sempre com a ajuda das professoras.

Depois de tentarmos fazer as brincadeiras sem muito sucesso, porque as crianças não queriam brincar, fomos dar um passeio pelo parque. Vimos plantas diferentes, folhas, umas plantas que davam na água. As crianças demonstravam que estavam gostando do passeio. Depois desta exploração fomos fazer efetivamente nosso piquenique.

(Registro do caderno de campo do estágio do dia 04/07/2006)

Outra atividade que realizamos foi um circuito no bosque com o professor Gilberto (Giba).



Chegando no bosque Bruno e Aninha já queriam ir logo correr, mas Giba os chamou para sentar no chão e fazer algumas brincadeiras, um alongamento no corpo. Bruno e Josias brincaram bastante e fizeram os movimentos orientados por Giba, as outras crianças no começo brincaram, mas depois não quiseram mais. Outra brincadeira que as crianças curtiram bastante foi Roba-rabinho onde o Professor Giba disse que iria se transformar em um leão e que as crianças tinham que pegar o seu rabo, algumas crianças de outra turma ficaram com medo.

(Registro do caderno de campo do estágio do dia 13/07/2006)

A atividade talvez mais significativa e que mais nos marcou que realizamos dentro dessa perspectiva de ampliação das experiências foi o passeio ao Projeto TAMAR<sup>1</sup>, por ser o primeiro passeio da turma juntos fora da instituição de Educação Infantil e do universo da Universidade.

As crianças entraram no micro ônibus bem alegres. Colocamos o sinto de segurança em cada uma e cada adulto sentou com duas crianças do lado. O ônibus foi seguindo em frente. Josias muito animado, olhava pela janela do ônibus, dava tchau e dizia: “Tchau! casa”. Passamos pelo campus da Universidade e ele olhou pela janela e disse: “Tchau! Trabalho do pai”. Tudo que ele olhava dava tchau, animadíssimo. Depois começou a brincar com a Luara que estava no banco da frente. Espiavam os dois pela fresta do banco e riam o tempo todo.

Na subida do morro da barra da lagoa, brincávamos com as crianças nas curvas. “Segurem, lá vem uma curva”. As crianças riam, estavam muito alegres. Quando chegamos em cima do morro, dissemos para elas olharem a lagoa. Angelo olhou e com um olhar de admirado disse: “É tudo azul.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 12/07/2006)

Ainda em relação ao passeio ao projeto TAMAR, o mesmo fato visto por outros olhos,

Na saída para o passeio conversando com as crianças perguntamos o que nós íamos ver.

– *Vamos ver tartaruga e peixe.* (diz Ângelo)

– *Será que tem peixe lá?* (disse)

– *Eu quero ver peixe* (diz Ângelo)

Já na van, no caminho para o Projeto TAMAR, as crianças demonstravam muita felicidade, rindo muito, batendo palmas. Ao pararmos em uma padaria para Adriana comprar algumas coisas para o nosso lanche, Ângelo vira para trás, onde estou e diz:

– *Amanha eu quero de novo.*

– *Que você quer? Passear?* (pergunta)

– *É, eu quero ir de novo ver o peixe* (Angelo)

Então lhe disse que podíamos combinar em ir outro dia de novo, em fazer um outro passeio e ir ver o peixe, que onde íamos tinha tartaruga marinha e que não eu sabia se tinha peixe.

---

<sup>1</sup>O nome TAMAR foi criado a partir da contração das palavras “tartaruga marinha”. O Projeto TAMAR tem a missão de proteger as tartarugas marinhas que ocorrem no Brasil, através da geração de alternativas econômicas sustentáveis.

Chegamos ao parque, as crianças foram logo procurando uma reprodução da tartaruga que estava saindo de um ovo. Elas passavam a mão, acariciavam. Depois fomos ver as tartarugas de verdade, mas as crianças gostaram mesmo das reproduções, se afastando de perto de nós para tocá-las. Elas queriam subir em cima, passar a mão.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 12/07/2006)



Para registrarmos o que foi vivido pelas crianças e por nós durante o estágio montamos um diário da turma, no qual todos os dias as crianças, realizavam o registro da atividade realizada no dia anterior. No começo ficamos meio confusas e com dúvidas de como seria realizada a construção do registro pelas crianças, mas depois de orientações conseguimos fazê-lo de modo que as crianças se interessassem e se envolvessem na atividade,

Para que isso acontecesse utilizamos fotos das atividades realizadas no dia anterior e materiais que correspondessem ao que foi feito

Primeiro desenhamos no caderno com giz, Aninha foi quem demonstrou que gostou mais, queria ficar desenhando bastante. Depois de todos terem desenhado colamos as fotos do dia anterior no caderno.

As crianças queriam ficar mexendo no caderno, olhando as fotos, se vendo nas fotos.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 11/07/2006)

Com o objetivo de socializar com as crianças e com as famílias o que foi feito, as fotos tiradas, as atividades coletivas, o passeio, os piqueniques, as atividades de artes plásticas, os registros, organizamos como encerramento do estágio uma exposição para as crianças, para os pais e para a instituição de Educação Infantil, com fotos e registros do que foi vivido pelas crianças durante o estágio.

Na hora em que as crianças foram chegando foram olhando junto com os pais as fotos. Conversando, se procurando nas fotos, os pais procurando seus filhos. A mãe de Luiza comentou ao olhar as fotos sobre o teatro da centopéia, que Luiza em casa, cantava sempre uma música da centopéia e que ela não sabia aonde Luiza havia aprendido.

*Então é daqui que ela aprendeu a música.*

A mãe de Luara também ficou olhando junto com Luara as fotos. Quando a mãe de Ângelo chegou lhe recebi e falei sobre a exposição, que era de encerramento do estágio.

(Registro do caderno de campo do Estágio do dia 18/07/2006)

As crianças ao se verem nas fotos, ao olharem para a exposição, ficavam se procurando e quando encontravam sua foto se reconheciam, e demonstravam para os outros, da mesma forma ao identificar um amigo na foto falavam dele, e o que ele estava fazendo.

### **Considerações Finais**

O estágio nos proporcionou uma aproximação do universo infantil, observando e registrando o que as crianças faziam, o que elas nos diziam, do que brincavam, do que demonstravam interesse, do que precisavam, o que elas queriam fazer nos espaços oferecidos a elas.

O nosso olhar durante o estágio, estava direcionado na criança, nos jeitos de ser, no que elas nos indicavam ou queriam nos indicar.,

Respeitar a criança como sujeito de direito, com desejos, vontades, interesses, especificidades e necessidades próprias foi um dos caminhos que nortearam as nossas proposições na ação com as crianças.

Ampliar suas experiências e vivências foi o nosso eixo norteador .

Buscamos ampliar as brincadeiras, principalmente a brincadeira de faz de conta, disponibilizando materiais e criando junto com as crianças materiais que possuíam uma significação maior para as crianças, como foi o caso das máscaras que foram construídas com as crianças e que foi o que elas demonstraram que mais gostaram e mais brincaram, seja imitando os bichos, fazendo os movimentos dos animais, fazendo o som dos animais.

Também nos preocupamos com a ampliação das experiências e vivências das crianças, propondo atividades em ambientes diferentes do que elas convivem

quotidianamente, com crianças de diferentes idades propiciando as interações entre as crianças.

Sabemos que a Educação infantil exige uma atenção e um esforço maior por parte dos educadores, para perceber o que as crianças nos indicam, por isso a importância de registrar o que é vivido, e construir proposições a partir do que é observado.

Também temos claro que ocorrem imprevistos, algo pode não sair como o planejado, as datas planejadas não coincidem, ou o calendário não permite realizar alguma atividade no dia programado, então o professor entra com a reposição, replanejamento das atividades, mudando-as de um dia para o outro, propondo algo diferente.

É muito importante ter uma orientação durante as atividades junto as crianças, seja como profissional, seja como estagiária.

A orientação pedagógica é uma forma de trocar idéias, discutir questões, tirar dúvidas, ou até mesmo dar uma tranquilidade para quem está junto com as crianças, saber que tem alguém com quem se possa contar e conversar quando necessário, transmite com certeza uma segurança para o profissional ou estagiário que está com uma turma de crianças além de um confronto de idéias para o encaminhamento de proposições que considerem as crianças e suas relações no espaço coletivo da Educação Infantil.

